

MULTICULTURALISMO¹

Arti
Gos
nacionais

Positivo quando permite à sociedade refletir sua diversidade; negativo quando restringe o grupo étnico às suas tradições, despreparando-o para influir e participar do poder

Termo de uso corrente nas últimas décadas nos EUA e na Europa, pode ter muitos significados. Tem sido visto como novo modelo de interação cultural entre grupos étnicos e raciais. Ligado às lutas das minorias étnicas para defender seus direitos e por uma política de igualdade de oportunidades é, assim, herdeiro dos movimentos das minorias dos anos 60 dos EUA.

A convivência entre diferentes grupos étnicos é característica de países multiétnicos ou multirraciais, como por exemplo EUA e Brasil. A questão que se coloca é como devem se comportar essas sociedades frente à diversidade étnica e cultural dos grupos que a compõem.

De um lado se tem o modelo assimilacionista, que prega a integração entre os grupos, a mistura cultural e a diluição das diversidades numa única identidade. Esse modelo foi o adotado nos EUA nas primeiras décadas deste século, quando predominou a imigração européia naquele país. Conhecido como *melting pot*, cadinho onde várias culturas se fundiram, se misturaram para formar uma só, perdendo suas características em favor de uma unidade americana, predominantemente anglo-saxã. Esse modelo era condicionado pela necessidade de se formar uma nação cul-

turalmente unificada, a partir de uma comunidade de imigrantes europeus.

O modelo assimilacionista não vigorava, porém para os descendentes de escravos africanos que, até a década de 60, não tinham direitos plenos de cidadania, chegando à situação limite nos Estados do Sul, onde existia o regime de segregação racial. A partir dos anos 60, a luta pelos direitos civis empreendida pelos negros americanos, o aumento da imigração não-européia e o reconhecimento dos nativos (indígenas) operam mudanças no modelo inter-racial e levam ao questionamento das idéias assimilacionistas e do modelo anglo-saxão. Origina-se então o modelo pluralista/multiculturalista.

Esse outro modelo considera válido que diferentes grupos étnicos não queiram se desfazer de sua cultura e que o pluralismo é a fórmula para que se mantenha a diversidade respeitada e compreendida. O multiculturalismo propõe que se ouça a pluralidade de vozes que compõem um país

A AUTORA

Solange Martins Couceiro de Lima

Professora Doutora de Antropologia do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Especialista na área de estudos étnicos e meios de comunicação.

1. Esta é a íntegra do artigo publicado como verbete, com modificações no **Dicionário Crítico de Política Cultural**, organizado pelo Prof. Dr. José Teixeira Coelho Neto, São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1997.

multiétnico, para poder entender sua cultura de modo não estereotipado e para que se faça da diversidade uma forma de ampliar o conhecimento da espécie humana, não só do ponto de vista biológico, mas ricamente diversificado do ponto de vista cultural.

Como parte dessa visão multicultural, a sociedade e a educação norte-americanas voltaram-se para contemplar grupos minoritários até então marginalizados: negros, latinos, mulheres, homossexuais.

Nas duas últimas décadas procurou-se mudar o conteúdo dos currículos de História e Estudos Sociais e dos livros didáticos do segundo grau, para dar atenção sem preconceito às minorias e retratá-las, incorporando-as à História.

Nesse mesmo período cresceram nas universidades cursos e programas de estudos multiculturais, criando especialidades como de estudos afro-americanos, estudos de mulheres, *gays*, lésbicas, bem como introduziram-se obras e autores não ocidentais nos currículos.

Através da ação afirmativa (políticas de compensação das minorias), medidas legais foram introduzidas para garantir às minorias acesso ao mercado de trabalho e às universidades, pelo sistema de cotas. Medidas legais também se estenderam à mídia, no sentido de reservar espaço para a presença de minorias que aí devem ser representadas de acordo com sua participação na sociedade. A mídia étnica tem presença extremamente significativa nos EUA. Jornais de praticamente todos os grupos étnicos são publicados nesse país como germânicos, poloneses, mexicanos, romenos, portugueses, judeus, noruegueses, japoneses, porto-riquenhos, entre outros. Os afro-americanos possuem dois canais de televisão a cabo, jornais e revistas de grande circulação. Televisões e programação em língua hispânica também existem em grande número.

O pluralismo tornou-se, assim, o novo princípio organizativo da sociedade norte-americana, substituindo o *melting pot* que pretendia apagar as diferenças culturais e étnicas.

Nos últimos anos, porém, críticas de vários matizes vêm sendo feitas em virtude de uma certa exacerbação a que esse modelo levou tanto a sociedade norte-americana como o meio acadêmico. A crítica em relação a este último se aplica tanto ao ensino de segundo grau quanto universitário por dar excessiva, quando não exclusiva, atenção aos currículos étnicos, deixando em segundo plano, ou mesmo abandonando, a Ciência e a Literatura Ocidentais, consideradas eurocêntricas e etnocêntricas. Assim, para alguns críticos, há um multiculturalismo pluralista e um outro particularista.

O modelo multicultural pluralista considera ideal que seja permitido a cada grupo escolher entre manter sua diferença dentro da sociedade onde se insere, ou incorporar-se a ela. A opção deve ser do grupo, e não do Estado. Reconhece que a auto-estima dos não anglo-saxões deve ser incentivada em todos os níveis da sociedade norte-americana, porém não em detrimento de uma cultura comum, cuja existência é não só possível e desejável, como enriquecedora.

De outro lado há, segundo ainda esses críticos, um multiculturalismo particularista responsável por uma postura extremada, que considera a cultura americana anglo-saxã eurocêntrica e hostil aos não descendentes dela. Desse modo a auto-estima exacerbada, incentivada pelo multiculturalismo desse tipo, daria origem a um pensamento etnocêntrico.

O multiculturalismo é, assim, considerado positivo quando permite à sociedade refletir sua diversidade em todos os níveis e quando propicia a igualdade de oportunida-

des para todos os grupos étnicos e culturais que a compõem.

Pode ser considerado perigoso quando instrumentaliza as minorias com o conhecimento somente de uma cultura étnica e das tradições de seu grupo, tornando-as, assim, despreparadas para competir com os grupos dominantes da sociedade que detêm, entre outras coisas, o conhecimento oficial e ocidental que lhes permite vencer tal competição.

Se o reconhecimento do outro em si mesmo e de si próprio no outro é o exercício que permite a aceitação do diferente; se o contato e o conhecimento do outro permite maior desprendimento e espírito crítico em relação à nossa sociedade, então o multiculturalismo deve orientar-se por esse caminho e não pela via cega do preconceito e do racismo. Estes estimulam a centralização em si mesmo e na própria cultura, não apenas para dela se ter orgulho, mas para com base nela desprezar e considerar a outra inferior.

MULTICULTURALISMO NO BRASIL

Examinemos, agora, a situação das minorias no Brasil, país de dimensões geográficas semelhantes aos EUA e com composição étnica também variada. As semelhanças, porém, são muito menores que as diferenças, no que diz respeito à ideologia racial.

Para se entender a situação das minorias no Brasil é preciso passar pelo conhecimento dessa ideologia racial de caráter assimilacionista e pautada, ainda, pelo chamado *mito da democracia racial*. De acordo com essa ideologia, sustentada em parte por esse mito, as minorias são vistas como *estado transitório*, verdadeiro degrau temporário

para um passo ideal e subsequente que seria o da sua plena assimilação à sociedade brasileira, compondo uma única identidade. Esta deve ser, segundo ainda a ideologia oficial, uma só, unívoca e inequívoca, não se admitindo o cultivo de identidades étnicas e parciais.

Tomando-se como exemplo a situação dos descendentes de africanos, sua situação pode ser considerada, dentro desse modelo, como caso-limite nesse processo de assimilação. Historicamente marcado pela escravidão, liberto há pouco mais de cem anos, permanece, no aspecto social, inferiorizado nas condições de salário, moradia, educação e saúde. Não assimilado, como propõe nosso modelo de relações interétnicas, em virtude de suas marcas raciais e histórico-culturais; não integrado por causa do preconceito velado mas altamente eficiente que existe no país, o afro-brasileiro se mantém como minoria. O conceito de minoria é, aqui, usado no sentido sociológico, segundo o qual a minoria qualitativa é representada por um grupo que está alijado da plena participação nas esferas sociopolíticas e econômicas da sociedade, dominadas pelo grupo majoritário. Se o termo for tomado no seu sentido quantitativo, os negros e mestiços, no Brasil, representariam quase metade da população brasileira (cerca de 45%), praticamente deixando de ser minoria.

Em virtude da predominância do modelo ideológico-racial descrito acima, que bloqueia a manutenção de identidades parciais étnicas ou raciais em favor de uma única identidade – a brasileira –, há dificuldade de se fazer vingar, no Brasil, práticas pautadas pelo multiculturalismo.

Os grupos que descendem de imigrantes europeus (italianos, portugueses, espanhóis, alemães, poloneses e outros) encontram-se praticamente em processo de, se não total, completa assimilação. Os orientais, su-

peradas as resistências da primeira e segunda gerações, também buscam sua identificação com a cultura brasileira.

Os nativos (indígenas) representam uma parcela muito pequena da população em luta pela sobrevivência e pelo direito à terra.

Quanto aos 45% de negros e mestiços da população brasileira, apesar desse quadro de pressão assimilacionista, eles retomaram nas décadas de 80 e 90 movimentos contra a discriminação e pela valorização de sua História e cultura. Nesse sentido se reivindicam: o reconhecimento das lutas empreendidas pelos ex-escravos pela sua libertação; o reconhecimento da participação dos negros em acontecimentos relevantes da História do Brasil; a revisão dos livros didáticos que ou ignoram as minorias (negros, mestiços, indígenas, mulheres) ou as retratam de modo estereotipado, racista. Que, ao lado desse reconhecimento, a escola passe a ensinar acontecimentos esquecidos pela História, bem como a História da África e a valorização da cultura de origem africana.

Projeto de lei que torna a participação de afro-brasileiros obrigatória nos meios de comunicação, na mesma proporção da população, também foi apresentado no Congresso Nacional. Discute-se, embora timidamente e com muitas vozes contrárias, a

adoção do sistema de cotas na universidade, reservadas para negros e mestiços.

Há, também, ainda no sentido de favorecer as minorias, projeto em tramitação no Congresso Nacional que torna obrigatória a presença de 20% de mulheres como candidatas a cargos legislativos nos partidos políticos.

Esses projetos são considerados muito polêmicos e certamente merecerão intensa discussão da sociedade brasileira.

Toda relutância em aceitar essas iniciativas de reconhecimento oficial da variedade e diversidade, as quais estão englobadas no conceito de multiculturalismo, podem ser entendidas à luz dessa ideologia racial explicitada acima, como não reconhecimento oficial às minorias étnicas, a não ser como momento ou estágio temporário de um processo em direção à anulação das diferenças em favor de uma única cultura: a brasileira, sem adjetivações ou particularismos.

O multiculturalismo como reconhecimento da contribuição, do valor, dos direitos, da igualdade de oportunidades de todos os grupos étnicos e culturais que compõem uma sociedade é uma conquista não só das minorias, mas de toda uma nação, que através desse caminho pode chegar mais próximo de um ideal igualitário.

Resumo: O artigo esclarece o conceito de multiculturalismo, localiza-o e mostra seu uso na sociedade norte-americana, ressaltando os aspectos positivos bem como os negativos. Também analisa o multiculturalismo tendo em vista as características pluriétnicas do Brasil, país que prioriza a assimilação das culturas para a formação de uma única identidade: a brasileira.

Palavras-chave: multiculturalismo, relações interétnicas, interação cultural, EUA, Brasil

Abstract: The article clarifies the concept of multiculturalism and interprets it according to its use, firstly in the North American society, emphasizing the positive aspects as well as the negative ones. It, then, analyzes multiculturalism keeping in mind the Brazilian plural ethnic characteristics, a country that gives priority to the assimilation of cultures in order to form a single identity: the Brazilian one.

Key words: multiculturalism, interethnic relations, cultural interaction, USA, Brazil